

TECNICELPA – Homenagem a Isolete Torres Matos

Estimados colegas e amigos,

Começo por felicitar a Tecnicelpa pela iniciativa de distinguir os quatro homenageados aqui presentes e agradecer a oportunidade que me proporcionou para, publicamente, apresentar uma pessoa por quem tenho especial estima e consideração.

Conheci Isolete Torres Matos em setembro de 1984, há 41 anos portanto, numa entrevista de emprego. Era ela diretora de produção da então Portucel Viana e eu candidato a uma vaga no Serviço de Estudos e Controlo do Processo.

Finda a reunião, questionam-me, ainda na fábrica: que tal correu a reunião com a patroa?

Fiquei perplexo...

Patroa? Qual patroa? A empresa era pública, o patrão o Estado e a pessoa em causa apenas a diretora de produção....

Sim, patroa, afiançaram. Com o decorrer do tempo, pois acabei por ser admitido, foi-me possível conhecer as razões que estiveram na génese de tal título que, pude confirmar, decorria da sua forte personalidade. E não julguem que isto se devia ao uso discricionário do poder conferido pelas funções que desempenhava mas, tão só e apenas, de uma autoridade natural, típica das mentes privilegiadas; porque, intelectualmente, Isolete era simplesmente brilhante... e assim se mantém.

Concretizemos então...

O dia 7 de abril de 1949 foi particularmente feliz para o casal Isolete e José Júlio Matos, pois nesse dia, em Barcelos, viram a prole aumentar. À recém-nascida, porque de uma menina se tratava, puseram o nome de Maria Isolete, por razões que facilmente se vislumbram.

A criança cresceu feliz, rodeada da irmã e muitos primos, tipo “maria-rapaz”, já com uns laivos de liderança a despontar.

O ensino secundário é feito em Braga, onde faz amizades fortes que perduram até hoje. Distingue-se nos estudos, tendo, no então 7º ano do liceu, hoje 12º ano, sido alvo de um prémio nacional, por ter sido a melhor aluna do país.

Cursa Engª Química, acompanhada por um grupo de amigas, suas companheiras para toda a vida, começando em Coimbra e terminando no Porto.

Distingue-se no curso. Diz uma das suas amigas: “A Isolete percebia tudo à primeira, mesmo quando ninguém percebia nada” ou, remata outra, “Nós a duas tirávamos 20. 18 a Isolete e 2 eu.”

Entretanto, com 21 anos, entre o 4º e 5º ano da faculdade, contrai matrimónio com Joaquim, após um namoro de 5 anos. Tem três filhos, a Joana, a Raquel e o Diogo e quatro netos: o Gonçalo, com 23 anos, a Mafalda, com 20 anos, a Maria, com 18 anos e o Tomás, com 13 anos. Todos eles comungam de um mesmo sentimento: adoram a Avó!

Vive atualmente no Porto.

Os filhos reconhecem que, apesar da exigência das funções desempenhadas, foi sempre uma Mãe presente, apesar de ter chegado atrasada ao baptismo da filha Raquel. Socorro-me, para o atestar, das palavras da sua filha mais velha Joana, que cito: “Vivendo em Barcelos, deslocava-se diariamente para Viana do Castelo e regressava à noite com a mesma energia de sempre, reunindo todos à mesa para partilhar as histórias do dia. Os almoços de domingo que cozinhava com tanto empenho, as idas ao mercado com os três filhos ao sábado de manhã e as férias em família de carro pela europa fora são hoje memórias queridas de uma vida vivida com elegância, simplicidade e amor”. Fim de citação.

Uma vez findo o curso, é admitida para os quadros da fábrica de Viana em 1971, então Celnorte e, imaginem só, isto por não ter feito tropa!

Recorro ao texto que escreveu no livro comemorativo dos 50 anos da fábrica de Viana, onde relata como a coisa se passou. Palavras suas e cito:

“Tudo começou, em 1971, num dos últimos exames do curso, na disciplina de Organização e Gestão, lecionada pelo saudoso Eng. Couto Soares onde ocorreu um episódio que se veio a

tornar determinante para a minha carreira profissional, diria, para a minha vida. O Eng. Couto Soares era administrador da Celnorte que, à data, se encontrava em fase de montagem e iniciara o processo de recrutamento de engenheiros para as fases seguintes, de arranque e produção. Antes do início do exame, dirigiu-se aos seus alunos, quase engenheiros, e convidou os interessados, com o serviço militar cumprido, a apresentar a candidatura. Foi demais para uma jovem que tinha apostado na engenharia como um desafio a uma sociedade que constrangia, de forma clara, a carreira das mulheres. Levantei-me como que impulsionada por uma mola, e questionei se a alusão ao serviço militar havia sido a forma encontrada para excluir as engenheiras presentes. Havia sido, mas deixou de o ser! Um mês depois, entrei nos quadros da CELNORTE”. Fim de citação.

Aqui está a Isolete que eu conheço: certeira e mordaz no reparo, eficaz no resultado.

Conforme refere o texto citado, a fábrica de Viana estava em fase de montagem na altura da sua admissão. Isolete vai fazer parte de uma equipa constituída por jovens engenheiros que, devido à sua capacidade e competência, se vão tornar figuras incontornáveis no nosso sector, que fizeram escola em Viana e deixaram marcas na sua organização. Refiro-me a, dentre outros, Manuel Gil Mata, Serafim Tavares, Alberto Vale Rêgo e, infelizmente já desaparecidos, José Luis Amaral e Armando Brochado. Todos eles e mais alguns lançaram a fábrica de Viana e construíram as bases que permitiram torná-la numa das fábricas de kraftliner mais eficientes do mundo.

Escusado será dizer que Isolete Matos singrou na empresa.

Tendo iniciado a sua atividade no gabinete de projetos, durante a fase de montagem, passou, posteriormente, a chefiar o sector de Estudos, do Serviço de Estudos, Planificação e Controlo, assumindo, em 1982 a Direção de Produção, com 33 anos e, em 1987, a Direção do Centro Fabril. Ou seja, 16 anos após a sua admissão, acabada de sair da universidade e sem qualquer experiência industrial, assume a direção de uma unidade industrial de dimensão relevante.

Em 1993 passa a administradora, acumulando o cargo com a direção da fábrica.

É claro que, durante este percurso, muitas barreiras teve de ultrapassar, sobretudo devido à sua condição de mulher, num sector tradicional, onde pontificava o sexo masculino.

Não resisto a contar o episódio associado à sua promoção a diretora de produção.

A proposta foi veiculada ao então diretor do centro fabril por Manuel Gil Mata, quando este foi indigitado para a direção do centro fabril e tinha de abandonar a direção de produção que então ocupava.

– Ó homem, você já viu os calendários que estão afixados nos gabinetes dos chefes de turno? Você acha que a produção é função para uma mulher?, terá retorquido o então diretor da fábrica, surpreso, quando confrontado com a proposta.

Pois não houve calendário que obstasse à promoção, tal era a valia e capacidade técnica demonstradas por Isolete e por todos reconhecidas. E assim, apesar dos calendários, esta passou a ser a primeira diretora de produção da indústria papeleira da Europa.

Não o posso afirmar com certeza, mas suponho que terá sido também a primeira diretora de uma fábrica no nosso sector.

Às características de certa, mordaz e eficaz que há pouco lhe atribuí, há, agora, que acrescentar mais uma: perscrutora.

Acredito que devem ter sido vários os episódios em que foi posta à prova, por ser uma mulher numa posição de destaque habitualmente ocupada por homens.

Um episódio revelador disto mesmo passou-se num encontro internacional, em que participou e que me foi relatado pela própria.

Cito de memória.

Na altura em que o encontro aconteceu tinha ocorrido em Portugal uma zanga entre vizinhos, por questões de gestão de água para rega, que redundou numa fatalidade e que terá tido eco no exterior. Simultaneamente, notícia corrente na altura era a elevada taxa de suicídios entre os jovens, na Suécia.

No dito encontro internacional, foi Isolete abordada por um colega sueco que, do alto da sua presunção, quis testá-la:

- Então vem de Portugal? E os portugueses, continuam a matar-se por questões de água?

A resposta saiu célere e fulminante:

- E o colega é sueco? E os suecos, continuam a matar-se a si próprios, sem água ser preciso?

Questão arrumada por KO: combativa e mortífera quanto baste, sempre que se impunha...

Mais um atributo a acrescentar à lista: certeira, mordaz, eficaz, perscrutora e, agora, combativa; sempre muito combativa, posso afiançar, sobretudo quando acreditava que tinha razão...

Mas nem sempre era assim; também sabia recorrer ao humor, quando os limites eram testados.

O episódio seguinte foi por mim presenciado.

Um colega, acabado de contratar para uma posição importante, apresentou-se na sua primeira reunião diária fabril, de jornal de baixo do braço que abre, para espanto de todos, começando a folheá-lo silenciosamente. Coisa inaudita e nunca imaginada... Isolete, já diretora da fábrica e coordenadora da dita reunião, dá a palavra aos presentes, como sempre seguindo a ordem habitual pré-estabelecida. Cada um conta as graças e desgraças da área que lhe toca, Isolete vai dando a palavra a cada um e, chegando a vez do dito, passa por ele, ignorando-o, até chegar ao fim da ronda. Nesta altura, interpela-o: e agora, disse então, o Nuno vai fazer o favor de nos atualizar com um resumo das notícias do dia...

Não é necessário dizer que nunca mais houve jornal na reunião diária fabril.

A bem da verdade, é justo referir que o dito colega acabou por se revelar um excelente profissional e colega e que o acontecimento relatado foi fruto de alguma ingenuidade sua, por provir de um setor com características bem diferentes das do setor industrial, em que certas liberalidades eram permitidas.

Retomemos, agora, o curso da história.

A estrutura acionista da empresa foi evoluindo com o tempo. Tendo começado por ser privada, a Celnorte passou à esfera pública como Portucel Viana com as nacionalizações decorrentes da revolução de abril, para voltar ao setor privado em 2000, quando uma joint

venture formada em partes iguais pela Sonae e o grupo espanhol Europac adquire o sector castanho da Portucel, que englobava as fábricas de papel de Viana e do Rodão e todas as empresas produtoras de caixas de cartão canelado da Portucel.

Isolete é convidada para a administração da nova empresa, que se passou a denominar Europac Kraft Viana, pelo Eng^o Belmiro de Azevedo, representando a Sonae e mantendo a direção da fábrica.

O casamento Sonae-Europac foi difícil, porque as duas empresas tinham estratégias e objetivos diferentes, tendo Isolete servido de charneira entre as duas, com o fito de conciliar posições e assim garantir um clima de estabilidade na fábrica. O seu profundo know how técnico e do negócio, o seu prestígio no sector, foram determinantes para garantir que o desenvolvimento tecnológico da fábrica se mantivesse, assegurando os necessários investimentos, contra a vontade expressa de uma das partes que, a custo, ia cedendo.

Em 2005 a Europac compra a parte da Sonae. Isolete, apesar de anteriormente representar a Sonae, é convidada pelo presidente da Europac para se manter como presidente do Conselho de Administração de Viana e mais, a assumir a direção da Divisão Papel do Grupo Europac que englobava, para além da fábrica de Viana, duas fábricas de papel reciclado em Espanha a que se juntou, mais tarde, uma outra em França.

E, assim, após 18 anos na direção da fábrica de Viana, deixa este posto para assumir uma carreira internacional.

O seu contributo para o desenvolvimento da fábrica de Viana durante estes anos é inquestionável; como acontecimentos mais relevantes destaco a diversificação da matéria prima, ao promover a adição de eucalipto à matéria prima pinho para produzir pasta, o que constituiu, na altura, uma inovação mundial no setor do papel kraftliner; a incorporação de fibra reciclada no processo de produção de papel; dois grandiosos projectos de desenvolvimento que são marcos na história da fábrica, por representarem, tecnologicamente, saltos quantitativos e qualitativos significativos; a diversificação do produto, com a introdução no mercado de um novo tipo de papel que passa a ombrear com o clássico kraftliner e a diversificação do negócio, com a entrada no setor da produção e

comercialização de energia elétrica. Foi também uma acérrima defensora da Formação, sobretudo dos Quadros, tendo promovido vários programas, dos quais eu próprio tive oportunidade de tirar proveito, e da coesão social da equipa humana de Viana, tendo sido variadas as iniciativas e projectos que patrocinou neste domínio.

Há, ainda, que salientar que foi a primeira presidente do Centro Pinus, organização para a valorização da floresta de pinheiro, que ajudou a fundar, além de participar nas múltiplas organizações do setor, quer nacionais, como a Celpa e Tecnicelpa, quer internacionais, onde sempre se destacou; era uma figura conhecida, reconhecida e respeitada pelas suas intervenções e contribuições.

Em 2012 abandona a Europac, tendo recebido um convite do Eng^o Belmiro de Azevedo para integrar a administração da Sonae Indústria e assumir o pelouro da floresta, sector que conhecia bem por motivos óbvios, onde se mantém até 2020, ano em que abandona a atividade.

Estamos, portanto, perante uma carreira profissional de 49 anos, desempenhada com rigor e competência, desenvolvida num sector em que granjeou reconhecimento, respeito e admiração e que o revolucionou, no sentido em que o seu exemplo facilitou o acesso à profissão às engenheiras que se formaram posteriormente.

Por isso não é de estranhar que tenha sido galardoada com o Prémio de Reconhecimento “Engenharia Distinta no Feminino”, no Dia da FEUP, em 2022, logo na sua primeira edição. Na cerimónia foi lembrada como, e cito, “modelo de referência para as estudantes e graduadas em Engenharia” e foi o seu percurso considerado como tendo e cito novamente, “um papel de relevância e impacto na sociedade”.

Fora da esfera profissional, na sociedade civil, foi também ativa. Listo, sem aprofundar, as suas principais intervenções, porque o tempo escasseia:

- foi membro do Conselho Consultivo da Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Viana do Castelo;
- foi membro do Conselho Geral do Instituto Politécnico de Viana do Castelo;

- foi formadora da AESE Business School – Associação de Estudos Superiores de Empresa;
- integrou a Assembleia Municipal em Barcelos, sua terra natal;
- foi dinamizadora do Projeto ELOS – projeto de voluntariado da Santa Casa da Misericórdia em Barcelos;
- promoveu a criação da Universidade Sénior no seu concelho natal;
- e, como que resquícios dos tempos de Coimbra, onde despertou para a causa política, foi mandatária distrital por Viana do Castelo na candidatura de Mário Soares à presidência da República, em 1991.

Termino, descrevendo algumas características de índole mais pessoal:

- é uma benfiquista ferrenha o que, na minha modesta opinião, só abona a seu favor;
- é uma cozinheira excelente;
- tem uma aptidão inapta para arranjar qualquer máquina; é, por isso, persona non grata na oficina de reparações lá da freguesia.

Mas, como não há bela sem senão, tem péssimo ouvido para a música; Apolo, o deus grego das Artes, não passou por Barcelos no dia do seu nascimento. Por isso, os amigos rogam, encarecidamente, que não lhe peçam para cantar; e quanto à dança, nem se fala: não é um pé de chumbo... são dois pés de chumbo!

Eng^a Isolete, foi para mim uma honra tê-la tido como patroa, durante os 21 anos em que partilhamos os sucessos da fábrica de Viana.

Tenho dito.

Mário Amaral

Tomar, 2025/10/23